

Como Bush quer ajudar os países devedores

Para o presidente norte-americano, o programa de redução das dívidas externas deve ser implantado com recursos próprios do FMI e do Banco Mundial.

O governo do presidente norte-americano, George Bush, está esperando que o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (Bird) contribuam com 24 bilhões de dólares, durante três anos, para viabilizar o seu plano de redução da dívida, que deverá ser debatido de sexta-feira até 4 de abril, em Washington, pelos ministros de Finanças do Grupo dos 24 (países em desenvolvimento da África, Ásia, América Latina e Caribe) e também pelo Grupo dos países mais industrializados do mundo.

O subsecretário do Tesouro, David Mulford, tinha previsto que seria necessário um total entre 20 e 25 bilhões de dólares do FMI e do Bird quando foi ao Congresso apresentar o Plano Brady, há duas semanas. Agora, com cálculos mais precisos, a previsão apurada em Washington pelo correspondente Moisés Rabinovici é de que cada instituição tenha que reunir 6 bilhões de dólares dos empréstimos normais aos países devedores, e mais 6 bilhões em dinheiro novo, durante três anos. Funcionários do FMI e do Bird comentam que os 24 bilhões de dólares serão insuficientes para possibilitar a redução de 20% na dívida de 39 países devedores.

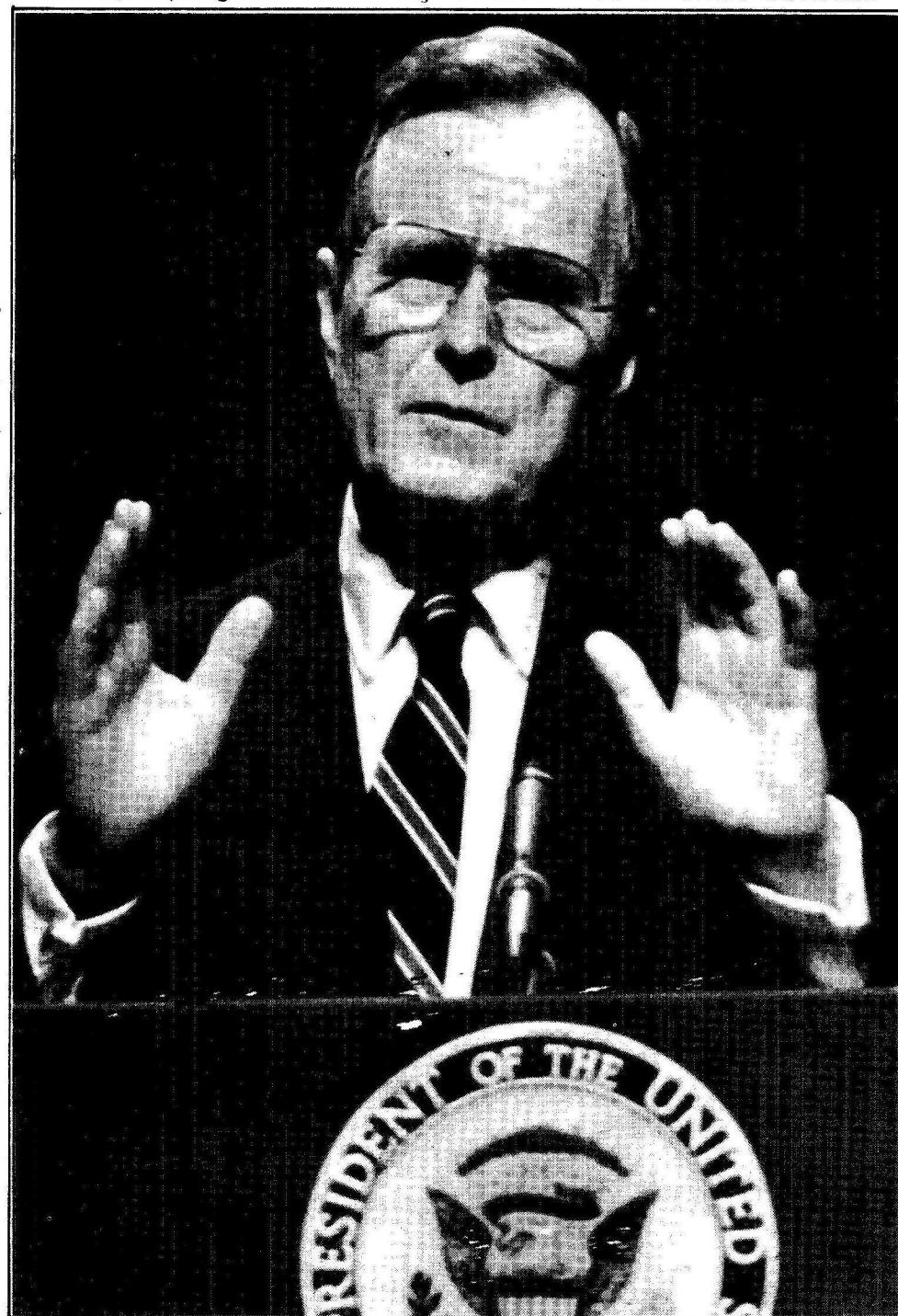
O *Wall Street Journal* de ontem diz que o governo dos Estados Unidos está contra a injeção de qualquer dinheiro dos contribuintes americanos no processo de redução da dívida. Uma de suas fontes antecipa que poderá ser necessário obter um suplemento de dinheiro da Europa, além do que foi prometido pelo Japão. O Departamento do Tesouro acredita que o Bird será capaz de entrar com sua parte, 12 bilhões de dólares, sem problemas, por causa do aumento de capital que recebeu em 1988. Já o FMI terá que obter um acordo de princípio para um grande aumento, embora esteja com 40 bilhões em ouro e outros 40 bilhões de dólares em recursos líquidos.

A reunião do Bird e FMI, no fim de semana, poderá endossar o Plano Brady, que ainda continua a ser tratado como uma série de idéias e sugestões dentro do próprio governo americano. "Quanto estiver completo, ele beneficiará principalmente o México, e talvez a Venezuela" — disse ontem o representante de uma importante corretora que opera no mercado secundário. Para ele, "o mercado está muito pessimista com o plano de redução da dívida".

Os valores das dívidas de vários países começou a baixar no mercado secundário, depois que fecharam em alta, por falta de vendedores, na sexta-feira. A dívida brasileira, cotada a 27 centavos por dólar, subiu para 32,25, mas já caía ontem para 30.

"Brasil, México e Venezuela deverão ficar entre 30 e 35% de deságio", avalia um corretor. A queda maior, ontem, era da dívida mexicana, que pulou de 35 para 40,50, e baixou para 40. "Os preços estão muito voláteis, com o mercado nervoso", explicou Manuel Mejia, da corretora Merrill Lynch. "Os bancos não estão em posição de partir para a redução voluntária, embora reconheçam que a dívida não vale mais 100%", acrescentou um outro corretor.

O *Wall Street Journal* de ontem sugere que a boa vontade dos bancos credores em reduzir a dívida vai depender muito das decisões regulatórias e contábeis que são esperadas nos Estados Unidos, Japão, Alemanha Ocidental e alguns outros países. Para o governo americano, a questão é delicada: o Banco Central, muito conservador, está resistindo às mudanças de regulamentos propostas pelo Departamento do Tesouro.



Bush: sem pôr dinheiro dos Estados Unidos.